

**Anarquismo e pedagogia *queer*:
o movimento Gay Shame como
vírus no sistema**

Alcidesio Oliveira da Silva Junior

Aviso de Copyleft: Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

Como citar:

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. **Anarquismo e pedagogia queer:** o movimento Gay Shame como vírus no sistema. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, Março, 2021.

ISBN: 978-65-86008-12-8

Monstro dos Mares

Divulgação Acadêmica Anárquica

Caixa Postal, 1560

Ponta Grossa – PR

84071-981

Pedido de solidariedade

Só é possível fazer e distribuir livros e zines porque algumas pessoas compreendem essa função das editoras anárquicas e anarquistas, e fortalecem na divulgação dos materiais, escolhendo alguns itens em nossa lojinha, chegando junto na banquinha ou entrando com recursos financeiros na Rede de Apoio quando viável. Seu apoio contribui para a disseminação de conhecimentos dissidentes e não-normativos, fazendo-os chegar a coletivos e singularidades que atuam em nome da liberdade e da autonomia. Contribua a partir de R\$ 5 por mês para que mais projetos como o que você tem em mãos possam existir e chegar para mais pessoas.

monstrodosmares.com.br/rede-de-apoio

*Dedico a todxs que erguem barricadas
em favor da vida!*

Introdução

Um vírus no sistema¹, destruindo dados lucrativos que sustentam o capitalismo, infectando as estruturas da normatividade sexual e de gênero, disseminando contrariedades e incômodos entre aqueles que caminham nas zonas confortáveis das hegemonias. Como se riscasse uma parede de vidro e habitasse entre as fendas, o movimento *Gay Shame* surge em junho de 1998 na cidade de Nova York (Estados Unidos) nos anseios libertários, autogestionados e cooperativos de uma proposta anarco-*queer*², visando combater a supremacia branca, o capitalismo, o poder, a polícia, o colonialismo e todas as formas de dominação³.

Em meio a um conservadorismo extremamente aliançado à brutalidade policial, à política de gentrificação de Rudolph Giuliani, Prefeito de Nova York (1994-2002), à demolição de jardins comunitários em função da construção de moradias de luxo, ao policiamento dos espaços sexuais públicos e privados, ao fechamento de

-
- 1 Tradução minha para A VIRUS IN THE SYSTEM, slogan do movimento *Gay Shame* presente em suas redes sociais. Todas as traduções no texto foram feitas por mim. Site oficial: gayshame.net
 - 2 Para Dell’Aglío e Machado (2018, p. 49), o *anarco-queer*, ou anarquismo *queer*, é um movimento político surgido no século XX cujos objetivos “seriam a contraposição à heteronormatividade e a libertação sexual como fator necessário para outras formas de libertação”. Destaco que as reivindicações políticas desta corrente do anarquismo não se dão por via do Estado, mas através da ação direta, movimentações autogestionadas e lutas autônomas, bem como um distanciamento da política identitária seduzida pela institucionalidade e pelo reconhecimento civil.
 - 3 “We work collectively outside boring and deceptive non-profit models to fight white supremacy, capitalism, ableism, cops, settler-colonialism and all forms of domination.” Disponível em: <https://gayshame.net/>. Acesso em 25 jul 2019.

sex shops na cidade e à prisão em massa de profissionais do sexo (SYCAMORE, 2008), a “Vergonha Gay” (tradução livre de *Gay Shame*) emerge como uma alternativa radical a estas políticas reacionárias, inclusive, apoiadas por proprietárixs de estabelecimentos LGBTQI+. Entrelaçado com ideais burgueses, capitalistas e calcado na higienização da comunidade gay e lésbica, o empresário local ansiava em transformar a cidade de Nova York em um lugar mais apropriado para xs turistas, afastando, portanto, todxs xs sujeitxs indesejadxs, sujxs, inadequadxs, que historicamente ocupavam os espaços com arte, desejos e sexo.

O *Gay Shame* avança sobre o legado deixado pós-eclosão dos novos movimentos sociais na década de 1960 que questionavam o centralismo economicista da esquerda tradicional, costurada em torno das teorias marxistas, e trouxeram para a cena política as contestações e lutas do movimento pelos direitos civis da população negra, do movimento feminista da segunda onda e do movimento, então chamado, homossexual (MISKOLCI, 2017). Uma revolução da/na esfera micropolítica, como destaca Suely Rolnik (2018, p. 15), “[que] não se reduz a uma apropriação dos meios de produção, mas inclui e baseia-se em uma reapropriação dos meios de reprodução – reapropriação, portanto, do ‘saber-do-corpo’, da sexualidade, dos afetos, da linguagem, da imaginação e do desejo”.

No caminho trilhado por estas reflexões, bebendo da Filosofia da Diferença, da desconstrução nos Estudos de gênero e de sexualidade hegemônicos e com a produção discursiva dos pânicos sexuais pela epidemia da aids, a Teoria *Queer* emerge, convocando à luta política aquelxs sujeitxs que não correspondiam ao padrão do movimento homossexual desta época – branco, classe média e ávido pela incorporação aos modelos sociais heteronormativos/binários – focando, nas suas demandas e organização política, “na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas” (MISKOLCI, 2017, p. 25).

A vontade de naturalização, ou a metafísica da substância, nas palavras de Judith Butler (2018), é questionada em função de um desfrouxar de laços identitários e/ou essencialistas produzido no furacão das insubordinações *queer* que, “[...] assim com os (trans)feminismos interseccionais e pós-modernos, desarrumam e desfazem as certezas ordinárias – denunciando os desejos de norma e aqueles movimentos mais apegados a formas de dominação” (POCAHY, 2016, p. 10).

Neste texto, busco tecer entrelaçamentos ousados entre a ação direta *extravaganza* do movimento *Gay Shame*, termo utilizado por Mattilda Sycamore, umx dxs militantxs do movimento, e agenciamentos de uma pedagogia anarquista-*queer*, selvagem, subversiva e perigosamente antenada com as demandas políticas e sociais que emergem por meio da comunidade dos corpos abjetos. De que forma as práticas culturais do movimento *Gay Shame* desembocam em pedagogias *queer* na produção de subjetividades ameaçadoras ao sistema cisnormativo-branco-cristão-classe-média? Para tanto, me aproprio, sem pretensão racionalista e generalista, de reflexões hibridizadas entre os Estudos de Gênero e Sexualidade e o Anarquismo.

Lanço meus olhares enviesados aos objetivos propostos pelo *Gay Shame* e a uma manifestação do movimento na 27ª *Dyke March*⁴ realizada em São Francisco/EUA no dia 29 de junho de 2019, evento consagrado no calendário *queer* da cidade e que reúne, segundo o site do evento⁵, todas aquelas mulheres/sapatonas que questionam e desafiam as construções de gênero, bem como as definições sociais das mulheres: trans-sapatonas, *male to femme* (MTF), transfemininas, transmasculinas, *genderqueer* e sapatonas fluídas no gênero.

4 “Marcha das Sapatonas”. *Dyke* é uma gíria originalmente tomada como ofensa lesbofóbica, mas recuperada pelxs militantes *queer*, ressignificando-a.

5 <https://www.thedykemarch.org/dyke-identity>. Acesso em 26 jul. 2019.

Para as reflexões aqui propostas, a inspiração é a cartografia *queer* no acompanhamento de fluxos e produção de diferenças, bem como nos afetamentos que se movimentam audaciosos na performance política do *Gay Shame*, pois acredito que “sexualidade é performance, é exercício do desejo, não se aloja num só sexo, mas em todos; não nasce de identidades, mas as cria; não é classificatória, mas indicativa” (LEÓN, 2012, p. 232). A cartografia, pois, se insere como um desdobramento político-ético-estético no desenho fluído das subjetividades, na abertura para os devires e para a afirmação da vida que desabrocha resistente. Para tanto, é preciso dar abertura ao “fator de a(fe)tivação” (ROLNIK, 1989) na captura do sensível e do invisível, abraçando uma metodologia *anarcoqueer* que “lida com táticas, com fluxos desejanter, com estratégias do sujeito e seu desejo” (LEÓN, 2012, p. 232). Fluxos esses que dão-se no coletivo, “novas experimentações que repensem a nossa vida no mundo, agitando águas tranquilas e que tragam à tona possibilidades outras de experimentar uma existência embebida na solidariedade, no afecto [...] no senso de coletividade pulsante” (SILVA JUNIOR, 2020, p. 109).

Para o desdobramento da cartografia em questão, é importante destacar que me insiro em um paradigma pós-crítico, compreendendo gênero e sexualidade como fabricações atravessadas por discursos (BUTLER, 2018) e produtos de arranjos históricos e culturais que materializam as relações de poder aí inscritas (LOURO, 1997). Desta feita, o caminho se abre para a leitura de ficções (re)construídas no espaço-tempo social, reiteradas performativamente e com alto teor de “vontade de pedagogia” (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 23), ou seja, “vontade de conduzir sujeitos [...] vontade de governar”.

A ação direta *EXTRAVAGANZA*

Emergindo em um contexto político de acirramento do conservadorismo em Nova York no ano de 1998, o movimento *Gay Shame* espalhou-se como uma epidemia *queer* em várias cidades dos Estados Unidos, alçando voos em outros países como Canadá e Suécia. Em São Francisco, cidade conhecida por sua esfuziante comunidade LGBTQI+, o movimento chega em 2001 animado por Mattilda Sycamore, militante *queer*, na tentativa de construir espaços onde as práticas de esperança contrastassem com uma realidade de apodrecimento do mundo, inclusive na cultura *queer* que na cidade havia sido demolida e substituída por “[...] hipsters da alta moda procurando as festas mais bacanas” (SYCAMORE, 2008, p. 239)⁶. Não apenas como um movimento, mas também como uma atmosfera de manifestação política contra a materialização crescente dos valores burgueses na sociedade, o *Gay Shame*,

[...] se consolidou enquanto uma expressão crítica à normalização e aburgueseamento. Sadomasoquistas, trabalhadores do sexo, lésbicas masculinizadas, negros, imigrantes, bissexuais, deficientes, e todos aqueles que causam a vergonha que a conduta exemplarmente normativa do *mainstream* do Gay Pride busca expurgar de sua imagem, passaram a encontrar seu lugar no *Gay Shame* (BALIEIRO, 2012, p. 537-538).

Para Sycamore, naquele lugar de normatização das práticas de gênero e de sexualidade, conduzidas como atos de consumo do capitalismo, o *Gay Shame* “[...] foi uma oportunidade de ajudar a construir algo transformador, desviante e perigoso fora da alienação e desespero” (2008, p. 239)⁷. Como sabemos, além das lutas

6 “[...] high-fashion hipsters looking for the coolest parties”.

7 “[...] has been an opportunity to help build something transformative, deviant, and dangerous out of alienation and desperation”.

de ordem econômica que os grupos mais desfavorecidos em-
preendem em seu percurso histórico, outras práticas culturais den-
tro da sociedade hegemonicamente branca, cristã, heterossexual e
cisnormativa, sustentadas no binarismo opressor-oprimido, atuam
na tentativa de encarcerar as singularidades, encaixotando-as em
modelos aceitáveis pela ordem dominante e por um dos seus braços
mais expressivos: o Estado. Envolvidos nessas redes, os movimen-
tos pelos direitos de gays e lésbicas acabam voltando-se contra as
diferenças em seu próprio meio, anulando, em prol da legitimação
e reconhecimento social, os corpos abjetos que não servem à purifi-
cação heteronormativa da comunidade. E assim, “o caráter bur-
guês, branco e masculino, é salientado como uma poderosa estru-
turação hierárquica que tomou o movimento historicamente, descom-
promissando-o de seus vínculos com a questão da igualdade em
suas variadas dimensões” (BALIEIRO, 2012, p. 537).



Figura 1 – Movimento Gay Shame

Fonte: *Gay Shame* (2020).

Estas molduras para legitimação dos seus modos de vida foram abraçadas pelo movimento gay e lésbico tradicional, surgidos com mais força na movimentada década de 1960, desejosos por aceitação social e por direitos civis conquistados na base da normatividade, da reprodução do modo heterossexual de viver e na discrição quanto as suas práticas sexuais e suas identidades de gênero. De acordo com Miskolci (2017, p. 24-25):

Em sua maior parte, o movimento homossexual emerge marcado por valores de uma classe-média letrada e branca, ávida por aceitação e até mesmo incorporação social. Algo muito diverso se passa quando surgem movimentos queer, se pautarão menos pela demanda de aceitação ou incorporação coletiva e focarão mais na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas.

O *Gay Shame* lança-se na empreitada de viralizar o “cistema”⁸ nos múltiplos pontos possíveis de serem alcançados pela sua militância local e pelas virtualidades inauguradas pela internet, este território de conexões intensivas, onde produz-se cidadanias e subjetividades (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020). Mas de qual sistema estamos falando? Justamente aquele denunciado pela teoria *queer* e baseado na rejeição de todos os corpos que não condizem com os modelos esperados-desejados-amados pela sociedade heteronormativa, branca e cristã: “[...] aqueles e aquelas considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heteroreprodutivo.” (MISKOLCI, 2017, p. 25).

8 “A corruptela ‘cistema’, entre outras corruptelas do tipo, têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – ‘cistêmico’ – de perspectivas cis+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de transfobia” (VERGUEIRO, 2015, p. 15). A nomenclatura “cisgênero” diz respeito às pessoas que se identificam com o gênero que fora conferido no momento do seu nascimento, ao contrário das pessoas “transgênero” que possuem uma identidade de gênero distinta daquela primeiramente atribuída e reconhecida socialmente.

Nesta luta antisistêmica do *Gay Shame*, e da teoria *queer* em geral, podemos visualizar pontes com o movimento anarquista que historicamente tem investido contra toda a forma de dominação, não apenas a de ordem econômica, como fora prática mais evidenciada na emergência do anarquismo no século XIX através da intensa atuação do anarquista russo Mikhail Bakunin na Associação Internacional dos Trabalhadores, entre tantos outros e outras. Para sintetizar algumas ideias predominantes nas mais diversas correntes do anarquismo, faço uso das palavras de George Woodcock (1998, p. 11, grifos do autor) ao dizer que existe uma característica comum no corpo de doutrinas e atitudes do movimento:

[...] a crença de que o Estado é nocivo e desnecessário. A origem da palavra anarquismo envolve uma dupla raiz grega: *archon*, que significa governante, e o prefixo *an*, que significa sem. Portanto, anarquia significa estar ou viver sem governo. Por consequência, anarquismo é a doutrina que prega que o Estado é a fonte da maior parte de nossos problemas sociais, e que existem formas alternativas viáveis de organização voluntária. E, por definição, o anarquista é o indivíduo que se propõe a criar uma sociedade sem Estado.

De forma individual ou organizadxs em coletivo, xs anarquistas, ao longo da história, fomentaram relevantes insurgência(s) sociais e culturais dos mais variados tipos, como a Comuna de Paris (1871), a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a Revolução Mexicana (1910), a Revolução Russa (1922), os movimentos operários italianos contra o fascismo e os sindicatos brasileiros na eclosão da Greve Geral (1917), dentre muitos outros (WOODCOCK, 2014). No documento “Princípios e organização da Sociedade Internacional Revolucionária. Catecismo Revolucionário”, escrito em 1866 na cidade de Nápoles, Itália, Mikhail Bakunin declara que “o homem⁹ só é verdadeiramente livre entre

9 Apesar de não tomar o “homem” como categoria universal do ser humano, reproduzo as citações de acordo com o original e enfatizo o caráter histórico de cada discurso.

homens igualmente livres; e como ele só é livre a título humano, a escravidão de um único homem sobre a terra, sendo uma ofensa contra o próprio princípio da humanidade, é uma negação da liberdade de todos” (BAKUNIN, 2009, p. 19). Vemos aí as palavras de um dos maiores nomes do anarquismo, militante de inúmeras barricadas na Europa e que passou a dar o tom revolucionário a muitas organizações políticas anti-Estado por todo o mundo.

Para Edson Passetti e Acácio Augusto (2008, p. 09), “o anarquismo foi um acontecimento singular. Provocou abalos, fomentou práticas de contestação e inventou uma cultura libertária que ultrapassou reivindicações político-econômicas da época”. Neste vórtice libertário, destacam-se os posicionamentos históricos de anarquistas como Emma Goldman, falando a respeito de amor livre já no final do século XIX e início do século XX e o feminismo da brasileira Maria Lacerda de Moura nas primeiras décadas do século XX. Eu ainda poderia acrescentar aqui outros acontecimentos políticos-culturais de grande importância que contaram com uma presença significativa de anarquistas como as revoltas estudantis de Maio de 1968 em Paris e a contra-cultura no mundo e, em especial, no Brasil em plena Ditadura Militar (1964-1985), marcas de uma *práxis* em constante promoção de novos estilos de vida capazes de revolucionar a micro e a macro esfera social.

Se a “vida libertária é composta por inacabadas batalhas por liberdades” (PASSETTI; AUGUSTO, 2008, p. 13), as identidades de gênero e sexuais, como modos de existência(s) regulados hegemonicamente pelas cordas do Estado, tornaram-se um alvo importante para as investidas do anarquismo, sempre na vanguarda da contestação cultural. Misturando-se ao pós-estruturalismo, o movimento teórico anarquista foi atravessado por novas perspectivas e leituras de mundo, revisitando fundamentos ontológicos do seu corpo organizado de pensamentos e práticas. Considerando o pós-estruturalismo como uma forma contemporânea de anarquismo, Todd May argumenta que a “descentralização,

ação local, descoberta do poder nos seus vários entrelaçamentos e não tão-somente no Estado, são as características que marcam as análises dos pós-estruturalistas” (MAY, 1995, p. 21) e que foram incorporadas por pensadorxs anarquistas da contemporaneidade. Desprendendo-se de alguns alicerces do anarquismo tradicional sustentado em um viés humanista de um sujeito autocentrado, bem como em um projeto definido da sociedade no futuro (sem Estado), uma perspectiva pós-estruturalista do anarquismo escavou novos túneis possíveis para uma crítica diferenciada e mais aberta aos organismos de controle que não se reduzem ao Estado. Ainda segundo May (1995, p. 40):

Aquilo que tanto o anarquismo tradicional quanto o pós-estruturalismo contemporâneo buscam, é uma sociedade – ou melhor, uma série entrecruzada de sociedades – em que não seja dito às pessoas o que são, o que querem e como viverão, já que elas têm condições de decidir isso sozinhas. Essa sociedade, como reconhecem os pós-estruturalistas, é ideal e provavelmente impossível.

Compreendo que o processo de feitura de uma revolução é mais importante que os seus resultados, pois dotam de novos significados às práticas sociais. São inventadas, portanto, possibilidades no campo do virtual, trazendo para a atualidade as aberturas que causam fissuras no estabelecido. O *Gay Shame* surge como uma forma de “queerificar o anarquismo” (SHANNON; WILLIS, 2010; JEPPESEN, 2012), revigorando seu posicionamento ético-político no mundo, intervindo de forma localizada e provisória na manifestação de afetos revolucionários e na profusão de dissidências de gênero e de sexualidade como coqueteis-molotov diante do muro do sistema hetero-cis-capitalista. Neste cruzamento, segundo Sandra Jeppesen (2012, p. 03), emerge o desafio resistente às “[...] formas dominantes de organização social, incluindo Estado, casamento, capitalismo, paternidade, relacionamentos amorosos, amizades, famílias e outros locais importantes de política e luta anarquista”.

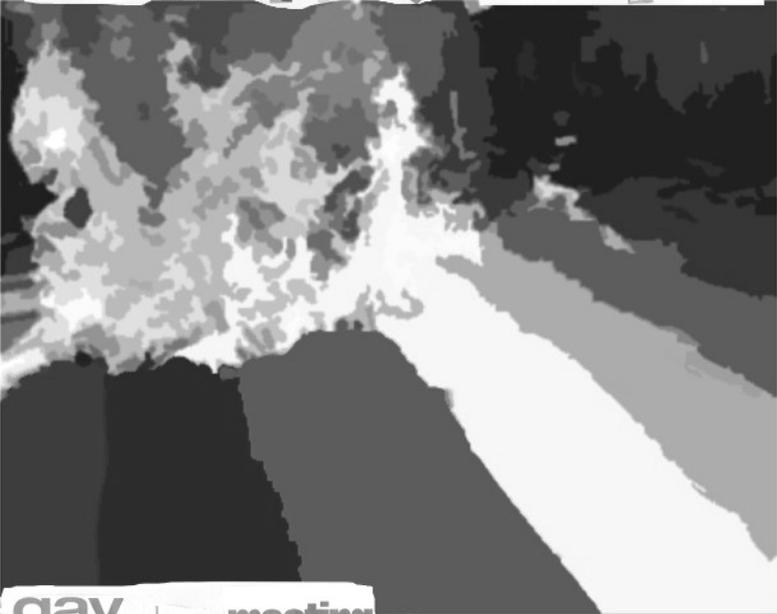
Como “potências políticas” em “estratégias ao mesmo tempo hiperidentitárias e pós-identitárias” (PRECIADO, 2011, p. 425), a teoria *queer* ao transar com o anarquismo torna-se uma poderosa máquina de guerra, “efetuada nos agenciamentos ‘bárbaros’ dos nômades guerreiros [...] dirigida contra a forma-Estado, atual ou virtual” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 22). Cada corpo militante e ininteligível do *Gay Shame*, incapaz de ser encarcerado nos binarismos heterossexuais, nas convenções moralizantes do cristianismo ortodoxo e de ser guiado pela bússola que não afirma a vida, salta como fagulhas de esperança e desordem na invenção de outros futuros. Potentes são as reflexões de Suley Rolnik (2018) ao entender que o “inconsciente colonial-capitalístico”, ou seja, a abdução da potência de vida revolucionária de cada ser no mundo, precisa ser desconfigurado da mesma forma que o sistema capitalista e suas relações de produção excluídas. Para que consigamos transformar os territórios é preciso que uma mudança da ordem das subjetividades se processe, produzindo embriões de vida e de recomeços, substrato para afetos mobilizadores. Para Rolnik (2018, p. 37-37):

[...] junto com o deslocamento da política de produção da subjetividade e do desejo dominante na nova versão da cultura moderna ocidental colonial-capitalística, deslocamos igualmente a política de produção do pensamento própria a essa cultura, ativando sua medula vital e sua habilidade para desarmar as configurações do poder.

Ao compreender o poder como uma relação, uma ação sobre outras ações que se apresenta de forma capilar em múltiplos espaços e interligações (FOUCAULT, 1995), o anarquismo *queer* celebra o acontecimento revolucionário que desestabiliza a correlação de forças, desordenando os fluxos de dominação e os afetos que esgotam, enfraquecem e desnudem a nossa capacidade de (re)existir. Vejo que o *Gay Shame* propõe o que Jack Halberstam chama de “gramática da possibilidade”, um “desejo básico de viver a vida de

outra maneira” (HALBERSTAM, 2011, p. 13). Uma nova gramática que traduz afetos de uma outra forma, cedendo espaço ao novo, ao inconcebível, ao destruturante, ao irreconhecível, às multidões *queer*, enfim, “uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (PRECIADO, 2011, p. 429).

Dentre as várias ações implementadas pelo *Gay Shame* – além dos encontros regulares divulgados no site e que promovem performances, formações políticas, comercialização de culinária vegana e expressões culturais variadas na música e na dança – tem-se movimentações contra o Estado, a especulação imobiliária que afeta a população de baixa renda, o avanço do conservadorismo e o fascismo na política e as práticas que marginalizam os corpos abjetos na sociedade. Incorporando instrumentos políticos do movimento anarquista, como a ação direta e a propaganda revolucionária, o *Gay Shame* advoga a emergência de uma cultura de resistência a toda forma de dominação, inclusive na comunidade LGBTQI+, munida, muitas vezes, de uma ideia de construção de Estado por meio da determinação de políticas que não emergem das periferias ao centro, mas que são sobrecodificadas e impostas pelo Estado. Porém, “[...] uma posição anarquista pós-estruturalista sugere que o Estado não determina políticas, mas que certas práticas políticas (incluindo, mas não só, eleições e lobby) *produzem o Estado* (HECKERT, 2015, p. 178, grifo do autor).



assimilation IS FUCKED

gay shame meeting

GAY SHAME is a Virus in the System. We are committed to a queer extravaganza that brings direct action to astounding levels of theatricality. We will not be satisfied with a commercialized gay identity that denies the intrinsic links between queer struggle and challenging power. We seek nothing less than a new queer activism that foregrounds race, class, gender and sexuality, to counter the self-serving "values" of gay consumerism and the increasingly hypocritical left. We are dedicated to fighting the rabid assimilationist monster with a devastating mobilization of queer brilliance. GAY SHAME is a celebration of resistance: All Are Welcome.

Every Saturday at 5:30. Modern Times Bookstore
888 Valencia St. San Francisco. www.gayshamesf.org

**Figura 2 – Divulgação dos encontros do
Gay Shame em São Francisco**

Fonte: *Gay Shame* (2020).

São as práticas cotidianas levadas a sério pelo movimento, bem como a construção de uma cultura de cooperação e solidariedade, distantes do ideal capitalista sustentado pelo individualismo liberal e a competição, que promovem fissuras no sistema de dominação – seja de gênero, classe, sexual, racial ou étnico –, colaborando para um mundo mais justo e sem amarras. Mais uma vez evidenciam-se características do movimento anarquista que, historicamente, advogam pela autogestão e cooperação mútua, entendendo que “através da solidariedade da ação comum do grupo os resultados podem ser melhores do que através da exploração de poucos do trabalho de muitos” (GALLO, 1995, p. 163). O capitalismo sustenta-se em torno da competição e do individualismo, assim, seguindo um caminho anticapitalista, o anarquismo busca mediações mais livres, desejos de construção coletiva em prol de melhores condições de vida e/ou de autossustentação, visto que “*ser coletivamente livre é viver no meio de homens livres e ser livre pela liberdade deles*” (BAKUNIN, 2009, p. 76, grifo do autor). Pensar a liberdade nesta codependência do outro nos ajuda a vislumbrar um outro cenário diferente daquele onde as forças “querem-nos competindo uns com os outros, querem que tenhamos os outros justamente porque, do contrário, aprenderíamos a compartilhar redes de comum, aprenderíamos a explorar afetos para além do estritamente necessário” (ROSEIRO; CARVALHO, 2020, p. 172).

A respeito da amizade *queer*, Cornejo (2015, p. 137) diz que esta pode “criar espaços afetivos que curam feridas inflingidas por normas sociais”, sendo um território de descanso e revigoração mútua perante os ataques da ordem heteronormativa de vida. Ao hibridizar o anarquismo com a teoria *queer*, o anarquismo *queer* busca refletir sobre modos de vida coletivos que assumam posicionamentos que embora, muitas vezes, sejam da ordem da minoria política (em se tratando de configurações de poder), prometem outros modos de relacionamento que não sejam meramente legitimados pelo Estado, como a família ou o casamento.

O teor da propaganda e da formação política, construídas nas microrelações e nas intervenções locais pelo movimento, podem ser evidenciadas na materialização discursiva de sua *práxis* política, como também nos materiais disponíveis no site para *download* e compartilhamento livre. O primeiro *zine* distribuído gratuitamente pelo movimento, por exemplo, intitulado *Swallow Your Pride: A Do-It-Yourself Guide to Hands-On Activism* (Engula o seu orgulho: Um guia “faça você mesmo” para um ativismo prático) contém dicas de grafiteagem, formas de desobediência civil, artigos sobre oficinas clandestinas e organizações sindicais, sobre a repressão ao sexo público, ativismo gordo e informações sobre troca de seringas e aids (SYCAMORE, 2008). Como ferramenta de luta, a propaganda também sempre foi enfatizada no anarquismo como uma forma de reverberar a luta e o modelo de sociedade desejado. Falando a respeito do anarquismo tradicional representado pela organização específica anarquista, a Federação Anarquista do Rio de Janeiro aponta que a propaganda tem como finalidade “mobilizar, organizar e influenciar os movimentos sociais com a prática anarquista [...] (para) que tenham as características que defendemos: força, classismo, combatividade, autonomia, ação direta, democracia direta e perspectiva revolucionária” (FARJ, 2009, p. 181).

Mais do que um movimento por uma sexualidade libertária, o *Gay Shame* levanta a bandeira de todxs xs sujeitxs oprimidxs nesta sociedade injusta e desigual. Faço coro as palavras de Miskolci ao argumentar que “[...] um olhar queer é um olhar insubordinado. É uma perspectiva menos afeita ao poder, ao dominante, ao hegemônico, e mais comprometida com os sem poder, dominados, ou melhor, subalternizados” (MISKOLCI, 2017, p. 48). Ao trazer a bandeira com as cores do arco-íris sendo incendiada, como vemos na figura 2, o *Gay Shame* propagandeia que a luta não é apenas contra a dominação econômica e social vinda do Estado ou das instituições financeiras, mas também contra a hierarquia que silencia

as diferenças dentro do próprio movimento LGBTQI+, valorizando aqueles/as que mais se adequam ao estilo heterossexual de vida, deslegitimando modos outros de existência.

Jamie Heckert (2015, p. 175) enfatiza que “a política identitária LGBT tem sido criticada por sua tendência a incitar a homogeneidade, tirar o foco de outras formas de opressão, como o racismo ou questões de classe, e de reificar, mais de que arruinar, as divisões binárias entre hetero/homo e homem/mulher”. Desta feita, uma insurgência anarquista *queer* compreende o capitalismo como um modelo não apenas econômico, mas também cultural que produz subjetividades afeitas à manutenção do *status quo* binário, heteronormativo, reprodutivo e familiar, bases para a continuação deste regime excludente. Como um híbrido entre lutas macro e micro, mesmo na ordem local, trago no próximo ponto a intervenção do *Gay Shame* na 27ª *Dyke March* de forma a ilustrar a potência do movimento e o desconforto criativo que as pedagogias *queer* podem fazer emergir.

Contra todo o autoritarismo: POLÍCIAS, FORA!

Como ataque ao autoritarismo e policiamento das sexualidades, trago neste ponto a ação direta realizada na 27ª *Dyke March* em São Francisco/EUA no dia 29 de junho de 2019, evento anual que reúne a militância sapatona (tradução para *Dyke*) feminista/transfeminista na luta por mais visibilidade, espaços políticos, direitos e respeito. Como ação direta, compreendo um método político de intervenção social, um acontecimento que atualiza nas práticas a não necessidade de representação política, mas a materialização de um pensamento que até então se movimentava apenas no campo das ideias. Para Rob Sparrow (2009, p. 11) “a característica da ação direta é que ela busca chegar aos nossos objetivos por meio de nossas próprias atividades, em vez de tentar isso por meio da ação de outros”. Segundo o autor:

A ação direta repudia a aceitação da ordem existente e sugere que temos tanto o direito, quanto o poder, de transformar o mundo. Isso é demonstrado quando a ação direta é realizada. Os exemplos de ação direta incluem bloqueios, piquetes, sabotagens, ocupações, colocações de barras de metal em árvores, greves parciais, reduções no ritmo de trabalho e a greve geral revolucionária (SPARROW, 2009, p. 11).

Reconhecendo o histórico de opressão e de violência cotidiana exercidos pela polícia, braço armado do Estado, em especial contra os corpos abjetos e insurgentes das *queeridades*, o *Gay Shame* realizou uma propaganda prévia e intervenção durante o evento pela não presença dos policiais na *Dyke March*. Se os gays e lésbicas, hegemonicamente, gabam-se da proteção policial, inclusive nestas marchas, são os corpos *queer* que são deslegitimados e silenciados nos espaços sociais pela força da polícia.

Ao dar visibilidade aos enunciados que se posicionam contrários à presença da polícia na *Dyke March*, o *Gay Shame* evidencia a sua pedagogia *queer* ao “estranhar a normalidade como estado originário” (THÜRLER; COLLING, 2020, p. 374), desnaturalizando a própria condição de proteção social do Estado, reconhecendo as diferenças e a correlação de forças que se materializa em eventos que, teoricamente, serviriam de denúncia para as opressões. Ainda segundo Djalma Thürler e Leandro Colling (2020, p. 374), “a pedagogia *queer* analisa, simultaneamente, discursos e relações de poder que criam, mantêm e reforçam discriminações através da diferença de gênero e sexualidade, combinadas com elementos como raça, classe, religião, tomando em consideração a complexidade do mundo contemporâneo”.



Figura 3 – Intervenção na Dyke March 2019

Fonte: *Gay Shame* (2019).

A manifestação chamada *Cops out of Dyke March* (Policiais fora da Marcha das Sapatonas) assume o caráter de denunciar as práticas de violência do Estado à comunidade LGBTQI+, como disse, especialmente àquelxs que fogem da normatividade heterossexual, estética e de relacionamento amoroso/sexual, xs principais alvxs das políticas de silenciamento e violência simbólica, ou até mesmo física, deste grupo. Um dos cartazes (Figura 4) chama as pessoas para a Marcha, porém destaca que *Cops are NOT DYKES, Cops are...* (Policiais NÃO SÃO SAPATONAS, Policiais são...) enumerando uma série de práticas cotidianas sofridas pela comunidade *queer*.

Vejo que uma aliança se materializa entre estes corpos considerados abjetos, ou seja, “[...] corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (BUTLER, 2002, p. 161). Ao estarem inscritos em um mesmo contexto de exclusão, fortalecem-se no coletivo e coroam-se de força para que suas vidas não sejam consumidas/apagadas pelo *cis-tema*. São “grupos de afinidade”, de acordo com o termo utilizado por Murray Bookchin (1998, p. 162), “um novo tipo de prolongamento da família, em que os laços de parentesco foram substituídos por um relacionamento humano extremamente intenso, relacionamento que é alimentado por ideias e práticas revolucionárias comuns”. Já que estes corpos rompem com o roteiro estabelecido pela heteronormatividade, apoiam-se em redes inovadoras de parentesco que não se limitam àquelas legitimadas pelo Estado, transformando-se, como rizomas, ao entrarem em contato uns com os outros, sendo como linhas de desterritorialização “pe-las quais ele [o rizoma] foge sem parar” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 25). Segundo Bookchin (1998, p. 163):

Autônomos, comunitários e francamento democráticos, os grupos combinam as teorias revolucionárias a um estilo de vida e um comportamento igualmente revolucionários, criando um espaço livre onde os seus integrantes podem reestruturar-se, tanto individual quanto socialmente, como seres humanos.

Compreendo a pedagogia *queer*, portanto, como uma rede de afetos reiterados e potentes na produção e afirmação das diferenças como substrato da vida. Bem mais que uma exaltação que se restrinja à promoção do respeito às múltiplas identidades de gênero e sexuais, a pedagogia *queer* se estabelece por meio de um conjunto de práticas direcionadas a si mesmo e ao/à outro/a, em contínuos movimentos de estilização criativa de novos modos de vida, mesmo em meio a processos de marginalização. Um *devir-chanana*¹⁰, pois, que produz resistência criativa, rizomática, apaixonada, vívida, tal como uma rede de contágio, espalhando-se mesmo nas condições mais improváveis, nos terrenos mais inóspitos, nas fendas mais ignoradas. Vejo, portanto, o movimento *Gay Shame* em todo seu *devir-chanana*, em um movimento de criação em múltiplas formas de acontecimento, emergindo aqui e ali nas pétalas embrionárias de um novo futuro.

10 Chanana, também conhecida como Damiana ou Flor-do-Guarujá, é uma flor da família *Turneraceae* de fácil proliferação e costumeiramente encontrada em margens de estrada e outros lugares ordinários (COELHO; AZEVEDO, 2016). Me inspiro na chanana para criar um conceito que expresse a capacidade de resistência e de multiplicidade rizomática que esta flor me anuncia.

**JOIN US at the Dyke March
4:30pm on the steps of Mission
High School on 18th St.
Bring: Signs, Friends, Dates,
and Rage!!!**

Cops are NOT DYKES, Cops Are...

- **Stealing Homeless People's Tents on the Streets of SF**
- **Shooting Black and Brown People**
- **Shooting Queer and Disabled Folks**
- **Locking People up in ICE Cages**
- **Torturing People in the SF Jail**
- **Harassing Sex Workers in the Mission and Tenderloin**
- **Sexually Assaulting Women in the Back of Their Squad Cars**

**PRISON ABOLITION
NOT
POLICE APOLOGIES**

Cops out of the Dyke March Now

--XOXO Gay Shame

a virus in the system

Figura 4 – Cartaz “Cops are not dykes, Cops are...”

Fonte: *Gay Shame* (2020).

Aqui faço uso da conceituação mais ampla do movimento *queer*, em especial do anarquismo *queer*, que constrói as suas lutas em favor dos abjetos da sociedade, das pessoas marginalizadas, excluídas, dignas de nojo, repulsa, cuja existência é um ataque ao sistema. De acordo com Miskolci (2017, p. 24), a abjeção “[...] se refere ao espaço em que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política.” Desta forma, ao trazer para o foco da luta e da denúncia não apenas questões que dizem respeito às opressões de gênero e de sexualidade, o *Gay Shame* ergue uma bandeira do anarquismo tradicional e que persiste em suas correntes contemporâneas. Vemos na figura 4 a denúncia da opressão policial às pessoas sem teto, ao assassinato do povo negro, às torturas nas prisões de São Francisco, ao assédio às/aos/xs profissionais de sexo, às agressões sexuais cometidas nos próprios carros das corporações, entre outras injúrias.

Unindo pautas locais, nacionais e/ou internacionais por meio dos outros movimentos *Gay Shame* espalhados pelo mundo, consolida-se uma importante rede de apoio mútuo para o fortalecimento das lutas e para determinadas “viradas de jogo – lances de insubordinação, resistência, dissidência” (POCAHY, 2016, p. 11). Acredito que as estratégias pensadas pelo movimento não são homogêneas e não seguem um programa revolucionário específico, como poderia propagar uma tendência marxista, mas viralizam uma heterogeneidade criativa que tanto pode almejar uma *revolução*, a “derrubada das condições ou do status vigentes, do Estado ou da sociedade [...] um ato político ou social”, bem como uma *insurreição*, “um levante de indivíduos, uma tomada de posição que não tem qualquer compromisso com as consequências que dela poderão advir” (STIRNER, 1998, p. 156). Ao argumentar que o processo insurrecional parte do nosso abandono da ordem estabelecida, fazendo-a apodrecer (STIRNER, 1998),

vejo neste pensamento do anarquista individualista Max Stirner uma aproximação com o processo de desidentificação abordado por Paul B. Preciado (2011, p. 425) quando o mesmo afirma que o que importa para as multidões *queer* são as “identificações estratégicas, [os] desvios das tecnologias do corpo e [a] desontologização do sujeito da política sexual”. Fazer apodrecer a ordem estabelecida – capitalista, cisnormativa, heterossexual, branca, cristã, eurocêntrica, masculina, ocidental, etc. – é se desvincular cotidianamente dos seus preceitos, dos seus modelos de vida, desidentificando-se de forma reiterada, resistente, produtiva. É dar abertura a uma insurgência micropolítica que “trata-se de um ‘combate pela’ vida em sua essência germinativa” (ROLNIK, 2018, p. 135), um território de disputas também no campo cultural e subjetivo, nas geografias de afetos que pedem passagem (ROLNIK, 1989).

O que estas pedagogias *queer* podem ensinar? Que singularidades carregadas de rebeldias podem aflorar? Utilizo o conceito de pedagogia que foi alargado pelos Estudos Culturais ao compreenderem “[...] a educação como vontade de governar, de moldar e dirigir condutas [...] praticadas em distintos espaços e contextos” (COSTA; ANDRADE, 2015, p. 845). O *Gay Shame*, e seu anarquismo *queer*, além de posicionar-se nas disputas em torno de narrativas, na educação mútua e como propositor de espaços outros anti-hierarquia e anti-autoritarismo, confundem, viralizam, infectam o sistema em função da evidenciação de outras formas de pensar, transar, amar, ser...



Figura 5 – Manifestação do Gay Shame em São Francisco

Fonte: *Gay Shame* (2019).

Ao se posicionarem contra uma sociedade heteronormativa, que inclusive interpela os sujeitos LGBTQI+’s, e contra uma sociedade capitalista, o anarquismo *queer* estilhaça vidros de caixas sólidas, porém históricas e culturais, que prendem a criatividade e as diferenças. Ao trazer para a cena que tais elementos são produtos históricos e vontades de verdade, e que podem ser questionados, revistos, transformados, o *Gay Shame* problematiza a construção desta realidade opressora, visando novos caminhos possíveis, pois “[...] é preciso ter em mente que hierarquias não são espaços de controle perfeito, as brechas autônomas fissuram e rompem a solidez da estrutura hierárquica” (GARCIA, 2012, p. 330).

Ao se colocar como propositor de “culturas de resistências devastadoras”, o *Gay Shame* se posiciona não apenas em um lugar de negacionismo, criando narrativas que se limitam a serem “anti”,

sejam elas antisistema, anticapitalistas e/ou antiheteronormativas. A proposta de afirmação da vida neste devir-*chanana* lançar-se em uma invenção do futuro no agora, na gestação de um povo porvir. Bradando que o “sistema é imperfeito”, cavam brechas (im)possíveis para que os corpos que não desfrutam do reconhecimento legal de suas existências sejam mutuamente fortalecidos na esperança de um outro mundo. Como uma máquina de guerra que, “sob todos os aspectos [...] é de uma outra espécie, de uma outra natureza, de uma outra origem que o aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 13), o *Gay Shame* é a pura “irrupção do efêmero e potência da metamorfose” (Idem.). Com suas caras, bocas, gestos, sexos...falam a respeito de si e de outrxs, transformando-se em uma matilha, uma multidão sem rostos, que junta-se na coalisão da diferença, do devir múltiplo, da ordem de muitas feiticeiras. A fogueira não é suficiente, o *Gay Shame* se revigora nas chamas...

Linhas finais...

Rumo a uma pedagogia *queer*

Neste texto, intencionei causar reflexões em torno do movimento anarquista *queer*, reforçando o seu conceito rebelde em torno das lutas que, de fato, evidenciam as desigualdades sociais, de gênero, econômicas, raciais e étnicas que permeiam a atual sociedade. O capitalismo, pensamento basilar da contemporaneidade e que entrecorta praticamente todas as relações sociais que vivenciamos, não é um sistema intransponível e as movimentações anarquistas de grupos como *Gay Shame* ao provocarem dissidências e fissuras neste cis-tema agem como vírus corroendo a imunidade do Capital, na tentativa de enfraquecê-lo cotidianamente por meio de microações políticas nas relações de força a qual estamos inseridxs.

Como uma máquina de guerra, o *Gay Shame* posiciona-se na engenharia de uma outra natureza que não depende do Estado para sua nutrição, sua manutenção, sua sobrevivência...Em meio a políticas de afinidade e uma amizade *queer*, xs militantes fazem uso do apoio mútuo como uma ação direta, inventando outros laços de parentesco em uma “multiplicidade pura e sem medida” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 13). Se como dizem Passetti e Augusto (2008, p. 10), “a educação anarquista instiga ao combate, reconhece as intempetividades e provoca liberações”, a pedagogia *queer* se (re)organiza apenas em torno da afirmação da(s) vida(s), criando condições para que no momento presente as virtualidades se atualizem. Virtualidades essas de uma sociedade mais justa, menos competitiva e que celebre a potência das diferenças.

Bradando contra a propriedade privada, o autoritarismo do Estado, a ganância do capitalismo e a representação política eleitoreira, o anarquismo veste-se de novidade ao abraçar o pós-estruturalismo

como querosene para uma coquetel-molotov inesperado. Despreendendo-se do sujeito autocentrado e racional, do projeto de sociedade futura bem delineado, da verdade objetiva e universal a ser encontrada por meio do esclarecimento da ciência, da pseudo neutralidade da linguagem, o pós-estruturalismo encharca o anarquismo com um vigor contemporâneo, evidenciando uma renovação nesta nova sociedade de controle, como atesta Gilles Deleuze (1990), onde “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado” (p. 03). Dialogando com Todd May em seu texto “Pós-estruturalismo e Anarquismo”, compreendo que “a verdadeira mudança política vem de baixo e de vários pontos, e não do alto e do centro” (1995, p. 16). Na sociedade do controle, cujos mecanismos se espalham por todos os lados, não apenas nas escolas, hospitais, quartéis e clínicas de psicanálise, como apontava a sociedade disciplinar analisada por Michel Foucault (2014), a gestão e produção das subjetividades dá-se de múltiplas formas, especialmente após o advento e fortalecimento das tecnologias digitais e da descentralização dos meios de comunicação de massa, atravessados pelas condições históricas e culturais contemporâneas e suas possibilidades autogeridas de produção de conhecimento/informação na internet.

Dessa forma, ao continuar erguendo as bandeiras de justiça social e equidade econômica levantadas pelos movimentos anarquistas tradicionais, o anarquismo *queer*, ilustrado aqui nas práticas do movimento *Gay Shame*, também incorpora como foco de sua luta outras formas de opressão e de autoritarismo, como a hierarquia de gênero e da sexualidade. Vê-las como dispositivos de regulação/controle, como bem argumenta Foucault (1998, 2014), evidencia os entrelaçamentos dos grupos hegemônicos para se manterem no regimento dos comportamentos aceitáveis e nas formas “adequadas” de se viver. O Anarquismo vive e *trans*-põe cadeias!

Referências

- BAKUNIN, Mikhail. **Catecismo revolucionário**: Programa da Sociedade da Revolução Internacional. Organização e tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário; São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009.
- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Políticas em prol da Vergonha Gay: uma contribuição queer para uma outra gramática dos conflitos e normas sociais. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 535-547, jul./dez. 2012.
- BOOKCHIN, Murray. Grupos de afinidade. In: WOODCOCK, George (org.). **Os grandes escritos anarquistas**. Tradução de Júlia Tettamanzi e Betina Becker. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 1998, p. 162-164.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Estudos feministas**, p. 155-167, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. COSTA, Marisa, Vorraber. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Pelotas**, n. 44, p. 22-44, jan./abr. 2013.
- COELHO, Maria FB; AZEVEDO, Rodrigo AB. Efeito do tipo de estaca na propagação de *Turnera subulata*. **Hortic. Bras.**, v. 34, n. 3, p. 435-438, jul./set. 2016.
- CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia queer da amizade. **Áskesis**, v. 4, n. 1, p. 130-142, jan./jun. 2015.

- COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação as pedagogias culturais contemporâneas. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843-862, maio/ago., 2015.
- DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle**. 1990. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Post-Scriptum_sobre_as_Sociedades_de_Control.pdf. Acesso em 14 fev. 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** (v. 01). Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** (v. 05). Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELL'AGLIO, Daniela Dalbosco; MACHADO, Paula Sandrine. Feminismo e o anarquismo pelas bordas: a resistência enquanto ação política. **Conversas & Controvérsias**, v. 5, n. 1, p. 44-56, jan./jun. 2018.
- FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO – FARJ. **Anarquismo social e organização**. Rio de Janeiro: Editora Faísca, 2009.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hupert L.; RABINOW, Paul (orgs.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. v. 1.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GALLO, Silvio. **Educação anarquista**: um paradigma para hoje. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
- GARCIA, Loreley Gomes. Sexo e anarquia: uma combinação explosiva. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 01, p. 327-330, 2012.
- JEPPESEN, Sandra. **Queering heterosexuality**. 2012. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/sandra-jeppeesen-queering-heterosexuality>. Acesso em 13 fev. 2021.
- HALBERSTAM, Jack. **El arte del fracaso**. Traducción de Javier Saéz. Barcelona: Editorial EGALES, 2011.
- HECKERT, Jamie. Anarquismo e sexualidade: rumo a relações consensuais. **Verve**, n. 28, p. 169-195, 2015.
- LEÓN, Adriano de. Os labirintos do desejo: desenhando uma metodologia anarcoqueer. **Política e Trabalho – Revista de Ciências Sociais**, n. 36, p. 219-235, abr. 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MAY, Todd. **Pós-estruturalismo e Anarquismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.
- PASSETTI, Edson; AUGUSTO, Acácio. **Anarquismos & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- POCAHY, Fernando. (Micro)políticas *queer*: dissidências em pesquisa. **Textura**, Canoas, v. 18, n. 38, p. 8-25, set./dez. 2016.

- PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ROLNIK, Suely. **Esfemas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni; CARVALHO, Janete Magalhães. Escola de gente feia. In: RODRIGUES, Alessandro; CAETANO, Marcio; SOARES, Maria da Conceição Silva (orgs.). **Queer(i)zando currículos e educação**: narrativas do encontro. 1. ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2020, p. 163-178.
- SHANNON, Deric; WILLIS, Abbey. **Queering anarchism**. 2010. Disponível em: <https://imagineborders.org/pdf/zines/QueeringAnarchism.pdf>. Acesso em 13 fev. 2021.
- SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. Por um devir-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia. **Áskesis**, v. 9, n. edição especial, p. 108-117, dez. 2020.
- SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da; FÉLIX, Jeane; COUTO, Edvaldo Souza. Amor, sexo e distância física: pedagogias do webnamoro na pandemia da Covid-19. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 58, p. 1-25, out./dez. 2020.
- SPARROW, Rob. **Política anarquista e ação direta**. Tradução de Felipe Corrêa. Rio de Janeiro: Editora Faísca, 2009.
- STIRNER, Max. Revolução e insurreição. In: WOODCOCK, George (org.). **Os grandes escritos anarquistas**. Tradução de Júlia Tettamanzi e Betina Becker. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 1998, p. 156-157.

- SYCAMORE, Mattilda Bernstein. Gay Shame: from queer autonomous space to direct action extravaganza. In: SYCAMORE, Matilda Bernstein (Org.). **That's revolting!: Queer strategies for resisting assimilation**. Brooklyn: Soft Skull Press, 2008, p. 237-262.
- THÜRLER, Djalma; COLLING, Leandro. Um curso de especialização em gênero e sexualidade em perspectiva queer, decolonial e interseccional. In: RODRIGUES, Alessandro; CAETANO, Marcio; SOARES, Maria da Conceição Silva (orgs.). **Queer(i)zando currículos e educação: narrativas do encontro**. 1. ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2020, p. 368-381.
- VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Universidade Federal da Bahia, 2015.
- WOODCOCK, George. Anarquismo: introdução histórica. In: WOODCOCK, George (org.). **Os grandes escritos anarquistas**. Tradução de Júlia Tettamanzi e Betina Becker. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 1998, p. 11-52.
- WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas** (v. 2 – O movimento). Tradução de Júlia Tettamanzy et al. Porto Alegre: L&PM, 2014.